

## **O MENINO DEBAIXO DA MESA**

Leopoldo Comitti

**Lembrando Carlos Drummond de Andrade**

1. debaixo da mesa

I

A mãe ouve a novela  
no velho rádio de válvulas.

Flora Geni floresce amores,  
num soluço leve e tenso  
interrompido pelo anúncio  
do do novo sabonete Gessi.

O menino brinca de sonhos,  
a mãe remenda uma toalha  
antiga e ruça, meio triste  
em seus desbotados quadrados  
de um xadrez azul e branco.

As quatro mãos se movem  
no mormaço de nuvem quente.  
Sobre o rádio, acima do painel  
de mogno, uma rosa de plástico  
pende do vaso de vidro azul,  
em seu vermelho vivo, artificial.

Não sopra vento pela janela quieta  
e o suor escorre meio insalubre  
pelas costas da tarde quase imóvel.

O menino alisa o papel de chocolate,  
limpa folha de alumínio amassado.  
Há outras, de todas as cores, formas,  
em retalhos finos ou longos. Recortes.

No chão, o menino narra com os dedos  
longas e confusas histórias de damas,  
príncipes, reis, nobres em suas cortes.

Num baralho sem cartas joga tudo,  
um jogo difícil, na paciência de forjar  
cabeças, membros, roupas solenes  
e estranhos mantos de retalho sutil.

Flora Geni chora e se alonga  
no soluço, na dor da ausência,  
e plácida a mãe cose. Seus ombros  
curvados acompanham a linha,  
e a voz já tantas vezes ouvida,  
que traça pontos sobre velhos pontos.

A novela termina num acorde de suspense.

A mãe larga a agulha,  
dobra a toalha  
e se vai.

O menino guarda seu conto,  
também remendado e pronto,  
na caixa de papelão.

II

Pega no ar a carambola

(cambalhotas no sossego)

trinca, morde, ri, repinica

a mão na barriga:

Doce! (E o caldo escorre

nas covas do rosto suado)

É doce, mãe. (E varre o fiapo

da boca, rápido no gesto).

## III

Um gato gordo  
e um ursinho de pelúcia  
descansam na cama.

Uma pata afaga o pêlo,  
outra coça a orelha.

Ociosos olham o teto  
com olhos vivos de vidrilho.

(Que amores infantis são esses  
que nos tocam tão intensamente?)

#### IV

Plantas na janela

balançando

ao toque de mão

nas avencas

de suas pernas.

Uma chaleira na cozinha

ferve a água

do café da manhã.

– Menino bonito!

(alguém sussurra no vapor.)

V

A mesa na sala  
sob o telhado sóbrio.

(Não durmo).

E na xícara derramada  
gotas de gestos esparramam-se pela mesa  
como migalhas de pão.

(Não ouço)

o ruído da colherinha  
em rodeios delicados pela porcelana:  
camomila, camomila, camomila...

## VI

Frágil cena.

Sem chá ou perfume

o menino se encolhe debaixo da mesa

sob pés, sobre pós, sob o dossel

da toalha xadrez.

Bicos de crochê azuis

são filtros para o mundo,

em que as pessoas são imensas

os pés são imensos

as vozes são imensas.

## VII

Sob a mesa há penumbra.

Sobre a mesa, a toalha sempre xadrez,

como tabuleiro à espera

de um jogo que o menino não joga.

Não. Ainda não desta vez.

Abre a caixa de sapatos:

um a um surgem os reis,

encantados em seus sonos de papel.

VIII

Um galho bate na janela.

E bate de novo, novamente,

e cansada a madeira estala.

(É um grilo, mãe:

mãe, é um grilo.)

Chove. A luz se foi no estalo do raio.

A escuridão arregala os olhos

e treme.

(Morreu alguém)

A lâmpada pisca, pisca e queima.

Uma lufada escancara a porta:

chuva, mato, grilo,

tudo entra.

Um galho bate na janela

e pelas frestas da vidraça

entram assombrações.

(Ouça o grilo!

Morreu alguém, mãe.)

## XIX

A torneira pinga  
sempre pinga  
e agora mais.

Todos dormem e a torneira pinga  
pinga quase só  
porque apenas o menino a ouve.

Faz anos que o menino a ouve  
e a compreende:

Somente só no meio da noite  
ela é capaz de produzir a gota,  
perfeita, redonda, única.

Pela manhã, o barulho da água  
corrente, sempre corrente,  
fará sentido. Para todos,  
ou melhor, quase todos.

Não para os vapores da noite  
e da terrível perfeição redonda.

## X

(Pou, pou!

Você está morto.

'tou não. Eu te matei primeiro.)

Pra não levar uma surra,

morreu.

Sentado numa pedra,

olha os outros.

Bang! Bang!

Desiste.

(Pistoleiro morto

não atira,

não galopa,

não trepa em árvores,

não corre pelo mato

com o sol na cara).

XI

Um pote de tinta

vermelha

espalhou-se

pela tela azul

Compôs um horizonte,

ou o sol nasceu

pela pintura?

XII

(Falta uma,  
falta uma figurinha.)

Todos os álbuns na gaveta  
incompletos, sem uma ou duas,  
sem prêmio ou brinde.

(Falta uma peça,  
falta uma)

As gengivas do quebra-cabeças  
apanham um soluço  
fugido às pressas  
pelo vão dos dentes.

(Falta um, mãe,  
falta um dente)

Debaixo do travesseiro  
o dente de leite espera  
um presente que não vem.

## XIII

Presente? O álcool

reanima o sonho.

Mente

em núvens mórbidas

de mórbidas nebulosas.

XIV

Confissões? Por que não?

Inda agora que o tempo

e a morte ali estão

na esquina próxima, clara.

## XV

Não. Meio inadvertido.

Pesado caminho lento,

mesmo que inquieto

e louco, no impossível

espaço curto e opaco

do xadrez de uma toalha

que lenta, lentamente

se despresentifica.

2. a casa

I

A casa olha.

É nova, mas tem fantasmas.

E quem a habita

carrega em si a sombra

daqueles que nunca a habitaram.

II

Na quina da sala a sombra aparece

e se espalha pelas venezianas,

pelas portas corrediças,

pelos pisos sem passos,

sem peso.

(Treliças ao sol.)

### III

A casa habita outra casa

onde a casa a habitou

em sonhos.

IV

A asa desceu.

ainda não se fechou

por completo

ou fechou-lhe as pálpebras.

Pousa simplesmente

como um anjo quebrado

do cemitério em frente.

V

Sinto. Sinto-o.

O silêncio da asa

gela a sala

e se estende sobre tudo.

Sobre o pó,

sobre a folha seca no copo.

Uma gota pinga

da torneira para o bojo,

para o bojo da pia de talheres sujos,

para dentro do ralo de onde sai

uma barata.

mesma barata que habita outra casa

onde a casa a habitou em sonhos.

VI

A cidade se espreguiça,  
na navalha da manhã:

A casa projeta-se  
sobre a calçada  
de pedras em ângulo.

Pelas grades,  
proteje-se a janela  
em cismas. Um talho marca o beiral.

## VII

Diligente, o cupim  
corrói tábuas velhas  
e podres. Soltas no espaço.

Alto e negro, insurgente,  
o telhado recorta o céu em estilhaço  
de moldura entalhada.

Sobre o céu de Ataíde  
nuvens penduram anjos e guirlandas  
pelo trânsito da memória.

## VIII

Um estilhaço colorido  
da manhã  
rompeu a janela  
(e me feriu a testa):

oh! pequenas gotas  
plenas de sal!

Agora os muros ardem  
no alarde do meio-dia.

Atentos ou atônitos  
observam o truque:  
perdidamente claros e alvos  
bloqueiam e querem,  
desejam  
as mãos molhadas  
de um sol sem sombras

## IX

A casa anoitece  
e se apaga em sono solto.

Morto, desperta  
e ouve os ruídos  
que entram na noite  
compassadamente.

de repente, o rato  
e o ronco da pedra que cai.

X

Esquece

e aperta no peito a dor

da casa que anoitece

e se apaga em sono solto.

## XI

A caneta escreve mal.

Traiu-o no final da noite.

Esgotou-se e esconde seu traço

como também já se foram a lua

ou as estrelas, ou os bichos desconhecidos

que fazem ruídos, incógnitos

ou os móveis que estalam,

em seu misterioso despropósito.

XII

Pelo mesmo despropósito

a tinta já se foi.

(Mas fico aqui tentando!

Mas fico aqui tentando!)

Há uma idéia que não se deixa apanhar

no canto mais escuro da casa.

## XIII

A chave que deveria abrir a porta  
não abre,  
trocado o segredo.

O metal gira no vazio  
e nada encaixa,  
apenas gira, gira,  
como que girando.

A chave que deveria abrir a porta  
não abre.

## XIV

O corpo freme, cansado e calado.

Deseja, mas deseja-se,  
na inutilidade de mais uma caçada.

Não há leões, búfalos ou tigres  
que dêem o bote  
no emaranhado das ruas.

Há cipós pelas calçadas,  
laçadas em pernas e braços,  
espinhos que deixam cicatrizes.

O corpo freme, cansado e calado.  
Deseja, mas deseja-se,  
na inutilidade do espelho.

## XV

A música gira  
para os olhos vazios  
que não giram mais.

Estão secos esses olhos  
E não se tocam.  
Estrábicos olham sem ver  
o rosto visto. E o vêem também  
como os olhos:

Vazios como o centro de um disco  
que gira, mas só repete.

Repete dois olhos  
e um vazio sem notas.  
A harmonia também se foi.

## XVI

A cama vazia não tem mais donos ou danos.

Esparrama-se por lençóis enrugados

no sono letárgico de fuga

e susto.

Nada mais se mexe no quarto,

a não ser o espaço vazio do pesadelo

que certamente espreita sob o travesseiro.

## XVII

A casa velha desaba  
sobre o último livro  
da biblioteca abandonada.

Dói ser aquele livro.

E a casa...

Bolas para a casa!

Há outras...

## XVIII

Ainda vibra a corda viva  
do instrumento verbal.

Façamo-nos agora,  
porque resta,  
resta-nos apenas  
e sempre, o mesmo  
e agora espectante  
absoluto, sem resposta calada.

3. serzido na toalha

I

Camélias ao sol,  
como lábios pintados  
de vermelho vivo,  
vívido. É inverno.

## II

O repórter Esso anuncia:

(Morreu alguém, mãe,  
morreu alguém!)

O inverno bota cores de camélia  
no rosto do dia e nas caras sujas.  
Há sol na vigília da memória.

III

Nas ruas os bêbados dormiram

sobre as calçadas de todos os dias.

Os mesmos bêbados de todos os dias.

Os dias mesmos de todos os bêbados.

## IV

Dentro das casas os despertos já estancaram  
sobre camas insones de um sono tolo.

Dentro dos sonhos os sonhos já se foram.

Para dentro da vigília o espírito desperto  
caminha em torno de tapetes metafísicos  
num deslizar de pés sobre o fofo consolo  
dos arrependimentos banais e etílicos  
que semeiam flores abrasivas pelo deserto.

V

Ainda me lembro

E como!

O gosto de pinhão

na boca de setembro

gira no café com leite

em redemoinhos de pó.

É inverno de vento.

## VI

Ainda me lembro.

E tanto!

A hortências azul

derruba azuis na calçada

para os pés que pisam

o sol indeciso da memória.

## VII

Ver um rosto tornou-se rotina  
na retina dos dias da ponte,  
da rotina da ponte dos dias  
das águas do rio turbulento.

Ou seria das águas turbulentas do rio  
que passa pela retina do rosto dos dias  
turbulentos da ponte que se repete ?

## VIII

Tornou-se rotina o rosto  
na rotina dos dias que corroem o traçado  
de um risco sobre uma velha cadeira.

Os traços seguem firmes e duros  
para que os passos tracem linhas retas.  
No quadro as letras são redondas e incertas  
e nada dizem, apenas mostram: estou aqui.

## IX

O rosto imobiliza a moldura guardada na gaveta  
em meio a coisas velhas e novas, indistintas,  
como a pedir piedade para a rotina das coisas  
que se misturam (sempre se misturam).

O rosto segue em frente  
escondendo o riso dos riscos.

Só a poeira guarda o traço  
da moldura que envelhece:  
na madeira da gaveta,  
o cupim rói e rói a traça.

X

A janela cruzou  
o espaço da existência  
e uma coruja pia  
quase em silêncio  
na insistência parasita  
de uma orquídea velha  
espetada na velha árvore.

## XI

As venezianas celebram  
olhares, e a suspeita  
se refaz em silêncio  
(-Morreu alguém, mãe,  
morreu alguém!)  
num galho torto  
triste som no vidro  
em guilhotina.

## XII

Em teias finas  
desfiava a trama  
frágil, que constitui  
o universo ainda visível  
para pensar na sutil.  
Perversidade das coisas  
que se findam. Cortam,  
como o mesmo punhal,  
cindido e sem gume  
ou lâmina afiada:  
apenas lume tremeluzente  
de um sepulcro adiado.

XIII

Sentir convulso.

Eis o equilíbrio

das coisas. Não mais

o verbo, encarnado

em gelo, transfigurado

em carne fria

e racionalidade impura.

## XIV

O rádio tosse dentro da noite,  
chia o peito, tem espasmos.

As válvulas gastas arquejam  
e piscam em ondas, curtas,  
longas e moduladas.

Num zumbido, pára.

Uma palavra solta  
fica lá, pendurada ...  
... perdurada.

XV

Flora Geni chora amores

em sonoplastia.

(- Morreu alguém, mãe,

moreu alguém?)

Lágrimas de plástico

respingam a rosa murcha,

transmitida em ondas curtas.

#### 4. O tempo

I

Sentir convulso.

Eis o equilíbrio

Das coisas. Não mais

O verbo, encarnado

Em gelo, transfigurado

Em carne fria

E racionalidade impura.

## II

Tanto ver a sombra

De ser, no corte

Rápido da faca.

Modernas palavras?

Hoje tão antigas

Em sua frieza turva.

Talvez turva e forte.

III

Ainda vibra a corda  
Do instrumento verbal  
Que a mim me fiz.  
Faço-me agora,  
Porque resta,  
Resta-me apenas  
E sempre o mesmo,  
Agora espectante  
E certo no absoluto  
Da resposta calada.

## Intervalo

Ondas curtas: o rádio tosse na noite,  
sobre a toalha xadrez.

(Um grilo, mãe!

Um grilo. Será, mãe,  
será que morreu alguém?

IV

A fenda se abriu contínua,

Separando o inexorável.

Fenda de ecos, dura e fria,

Existentemente despercebida.

V

Sórdido relógio! Execrável

Tempo que ainda resta!

Minutos, rápidos, lógicos

Ou lentos, sempre serão pesados.

Há fluxos, correntes, fusos

E rocas que perfuram dedos.

Dormir? Quem dera por anos.

Mas o pêndulo oscila e bate:

Talvez ou dores, de um toque

Que nos desperte. Inexorável

## VI

Há veludo no sangue  
que escorre da ferida  
exposta. Coágulos macios  
se formam quando  
o líquido mordaz  
não escorre pela face  
árida. Um contraste  
estranho: os traços  
se fazem duros e cortantes,  
enquanto seu rompimento  
provoca uma sensação  
de volúpia sensual.  
A dor vive. A indiferença  
cristaliza. Cristal de dor:  
nasce o enigma da  
força que pestaneja  
a cada contração dura  
de músculos e faces.

## VII

As sensações que não  
podem ganhar voz,  
ganham palavras  
escritas. Encerradas  
em uma cripta  
insistem em voltar.  
E voltam sempre  
Num sopro. E se  
repetem no papel  
aberto, única fissura  
na surdez que envolve  
horas e minutos.

## VIII

Guarda-chuvas nas lagoas

e mãos de barro:

O aguaceiro de verão

Refresca, vira festa

e os atoleiros crescem

em frente das casas.

Barcos de papel

em represas improvisadas.

A infância sempre

me pareceu líquida.

## IX

Um tortuoso rio  
corre pela montanha.  
Não banha o vale  
e nem rega as árvores  
de suas margens:  
carrega fogo  
e sombras.

## X

A chuva se vai  
e vem o cheiro  
de terra, de lama  
podre no chão  
amolecido. O sol  
em vão tentará  
trazer odores  
e a suavidade  
das poucas, quase  
raras, flores  
do caminho.

## XI

Vai a pipa.

Vira. Revolta

de vento e chuva

e enrosca o galho

de sempre;

o mais alto

serpente.

Descolore sob a chuva

e se faz forte

mesmo se desfazendo

aos poucos.

Gravemente, lembra

(– morreu alguém, mãe? Não morreu?)

não mais pipa

não mais vento:

espantalho tosco

mo quintal

esquartejado

pelos pingos,

surdo pelos trovões.

## XII

O sentimento tem  
a cor do invisível  
tumular. Às vezes  
a pátina das lápides.

Ora, a tonalidade  
da cor impossível  
que se acumula com os meses  
e possui o veneno da áspide.

O ar rarefeito retém  
o tom da reciprocidade

## XIII

Há algo de oco  
no espaço da escrita:  
um sorvedouro,  
redemoinho de sons  
e cores que se desfazem.

Negra, pulsante,  
a letra absorve,  
suga aos poucos  
sem pressa, consome.

Nem o nada existe:  
Apenas um buraco.

## XIV

Amanheceu. E chove.

A água rola

pelos bueiros

escuros e desaparece.

Para onde vai?

Refazer o ciclo

Que já não há.

XV

No varal a roupa seca.

Está limpa e úmida.

Mesmo assim tudo ali

é feito de despojos do dia.

Apenas se retirou a mancha

de mais um pedaço

de vida, talvez inútil.

## XVI

O tempo já não me serve.

Estou fora dele, como alguém

que perdeu a memória.

As horas são longas,

os minutos infinitos.

Ver de fora só mostra

a inutilidade do relógio

que teima em marcar

aquilo que não existe.